

Ars vel scientia rationalis. A natureza ambivalente da lógica segundo Tomás de Aquino

Alfredo Storck
UFRGS/CNPq

Em um livro que se tornou referência incontornável nos estudos sobre o papel da lógica na obra de Tomás de Aquino, Robert W. Schmidt detecta o que ela afirma ser uma aparente contradição entre textos que descrevem a lógica como arte e como ciência e procura resolvê-la do seguinte modo:

A lógica pode ser considerada de diferentes pontos de vista. Ela é ao mesmo tempo diferente de todas as demais ciências em certos aspectos, mas em outros é similar a muitas. Em um aspecto, ela é similar às ciências especulativas, mas em outro, à ciência prática. Ao dizer que a lógica pertence às ciências especulativas, Aquino, de forma cuidadosa, aponta que ela é especulativa apenas reductivamente, ou em sentido amplo, e de um modo que possa ser também um tipo de arte. Similarmente, ao considerá-la como arte e factiva, ele afirma que isso não se dá de forma estrita, mas apenas em certo sentido, por extensão. Ela não pode ser univocamente classificada, portanto, nem entre as ciências especulativas, nem entre as práticas.¹

De fato, encontramos nas obras de Tomás de Aquino diversas passagens nas quais a lógica é caracterizada como arte, ou seja, como fornecendo regras para produção de artefatos. Diferentemente da prudência, a qual versa sobre ações humanas imanentes e fornece preceitos diretivos da ação sem necessariamente levar em conta a exterioridade dos atos, a arte é

1 Schmidt, R. W., *The Domain of Logic According to Saint Thomas Aquinas*, The Hague, Martinus Nijhoff, 1966, p. 29.

factiva e visa a produção de algo externo ao agente de acordo com regras para a consecução de um fim buscado em virtude de sua utilidade ou do prazer que proporciona.² Dado esse quadro conceitual, caracterizar a lógica como arte (*ars*) - e mesmo como a principal delas (*ars artium*) - pode parecer, à primeira vista, algo estranho. Se, por um lado, essa caracterização favorece a explicação da função de regras lógicas enquanto guias para formação de proposições e silogismos, por outro, os objetos produzidos não parecem apresentar a materialidade própria dos artefatos. Proposições e silogismos são primeiramente atos mentais complexos que, embora possam ser exteriorizados de forma oral ou escrita, não necessitam “passar para a matéria exterior” para serem realizados. Consciente do problema, Tomás parece ter tentado evitá-lo distinguindo duas acepções do verbo ‘fazer’. Além do sentido próprio que exige, como condição para efetivação do ato, sua influência sobre a matéria exterior (como na construção de uma casa), haveria um sentido comum, exemplificado pelos verbos entender e querer, segundo o qual a exteriorização não é condição necessária para a realização do ato.³ Assim, a execução de operações mentais, regidas por regras lógicas com o objetivo de construir um argumento em favor de uma tese, pode ser compreendida como um fazer em sentido comum e, portanto, pertencer ao domínio das artes e não ao da prudência.⁴ A lógica teria, portanto,

2 Seguindo Aristóteles, Tomás distingue entre os domínios do agir (aquele das operações imanentes e objeto do conhecimento prático) e do fazer (domínio da produção de artefatos e objeto das artes). Vide: *Summa Theologiae I-II, q. 57 a. 4 co.*: “Cuius differentiae ratio est, quia ars est recta ratio factibilium; prudentia vero est recta ratio agibilium. Differt autem facere et agere quia, ut dicitur in IX Metaphys. factio est actus transiens in exteriorem materiam, sicut aedificare, secare, et huiusmodi; agere autem est actus permanens in ipso agente, sicut videre, velle, et huiusmodi. Sic igitur hoc modo se habet prudentia ad huiusmodi actus humanos, qui sunt usus potentialium et habituum, sicut se habet ars ad exteriores factiones, quia utraque est perfecta ratio respectu illorum ad quae comparatur.” Os principais textos são fornecidos e analisados de forma clara por Schmidt, parte 1, capítulos I a III. Seguiremos, nessa primeira parte, as suas indicações.

3 *Summa Theologiae II-II, q. 134 a. 2 co.*: “Facere autem dupliciter potest accipi, uno modo, proprie; alio modo, communiter. Proprie autem facere dicitur operari aliquid in exteriori materia, sicut facere domum vel aliquid aliud huiusmodi. Communiter autem dicitur facere pro quacumque actione, sive transeat in exteriorem materiam, sicut urere et secare; sive maneat in ipso agente, sicut intelligere et velle.”

4 *Summa Theologiae II-II, q. 47 a. 2 ad 3*: “Ad tertium dicendum quod omnis applicatio rationis rectae ad aliquid factibile pertinet ad artem. Sed ad prudentiam non pertinet nisi applicatio rationis rectae ad ea de quibus est consilium. Et huiusmodi sunt in quibus non sunt viae determinatae perveniendi ad finem; ut dicitur in III Ethic. Quia igitur ratio speculativa quaedam facit, puta syllogismum, propositionem et alia huiusmodi,

um objetivo prático, reger a construção de proposições e argumentos, e estaria justificada sua caracterização como arte.

Diversas também são as passagens nas quais Tomás de Aquino atribui à lógica o estatuto de ciência, seja ao caracterizá-la, de forma ampla, como filosofia racional⁵ ou ciência racional,⁶ seja ao classificá-la como uma dentre as demais ciências.⁷ Nessas passagens, a lógica é vista como uma disciplina teórica que satisfaz os requisitos de cientificidade apresentados por Aristóteles nos *Segundos Analíticos*. É capaz de produzir um conhecimento que versa sobre algo imutável e necessário⁸, possui um objeto próprio de investigação, é demonstrativa⁹, parte de proposições verdadeiras, primeiras e imediatas para provar conclusões¹⁰ e alcança a certeza acerca do que é conscientemente apreendido.¹¹ A dificuldade residiria aqui em determinar aquilo de que trata a lógica. Ora, o que especifica uma ciência concedendo-lhe unidade e distinguindo-a das demais

in quibus proceditur secundum certas et determinatas vias; inde est quod respectu horum potest salvari ratio artis, non autem ratio prudentiae. Et ideo invenitur aliqua ars speculativa, non autem aliqua prudentia.”

5 *In Physic.*, lib. 3 l. 8 n. 2: «Quod ergo dicit rationabiliter, exponendum est logice: nam logica dicitur rationalis philosophia.»

6 *Expositio Peryermeneias*, lib. 1 pr. 2: «Cum autem logica dicatur rationalis scientia, necesse est quod eius consideratio versetur circa ea quae pertinent ad tres praedictas operationes rationis.»

7 *Sententia Metaphysicae*, lib. 2 l. 5 n. 5: “Et propter hoc debet prius addiscere logicam quam alias scientias, quia logica tradit communem modum procedendi in omnibus aliis scientiis.”

8 *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 4 n. 7: “Quarto, ibi: quare cuius etc. concludit quoddam corollarium ex definitione posita, scilicet quod illud, de quo simpliciter habetur scientia, oportet esse necessarium, scilicet quod non contingat aliter se habere.”

9 *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 4 n. 9: “Primo, ponit quod scire est finis syllogismi demonstrativi sive effectus eius, cum scire nihil aliud esse videatur, quam intelligere veritatem alicuius conclusionis per demonstrationem.”

10 *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 4 n. 10: “necesse est quod demonstrativa scientia, idest quae per demonstrationem acquiritur, procedat ex propositionibus veris, primis et immediatis, idest quae non per aliquod medium demonstrantur, sed per seipsas sunt manifestae (quae quidem immediatae dicuntur, in quantum carent medio demonstrante; primae autem in ordine ad alias propositiones, quae per eas probantur); et iterum ex notioribus, et prioribus, et causis conclusionis.”

11 *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 44 n. 3: “Sicut enim scientia importat certitudinem cognitionis per demonstrationem acquisitam, ita intellectus importat certitudinem cognitionis absque demonstratione ...”

é o seu objeto de investigação (*subiectum*),¹² entendendo-se esse não em sentido material (as diferentes coisas ou substâncias referidas pelas proposições científicas), mas em sentido formal (o aspecto mediante o qual as coisas são consideradas). Duas disciplinas (e. g., a biologia e a medicina) podem enunciar proposições verdadeiras acerca das mesmas substâncias (seres humanos) consideradas, todavia, sob aspectos distintos (enquanto seres vivos ou enquanto saudáveis ou doentes).¹³ Entretanto, se todas as disciplinas teóricas investigam o ser, seja considerando-o sob um aspecto, como o fazem as diversas disciplinas específicas, seja tratando do ser enquanto ser, como o faz a metafísica, então não parece haver espaço possível para a lógica. Assim, por um lado, sua generalidade impede que ela se limite a um aspecto do ser. Por outro, ela não pode coincidir com a metafísica. Logo, mesmo que a lógica possua um objeto próprio de investigação, esse não pode ser do tipo de objeto investigado pelas ciências teóricas. A solução de Tomás de Aquino para essa dificuldade consiste em distinguir o ser natural (investigado pelas demais ciências teóricas) e o ser de razão¹⁴ (aquele que decorre das considerações da razão) e fazer deste objeto da lógica.¹⁵

A análise dessas duas séries de passagens mostra que a classificação da lógica entre as artes ou entre as disciplinas teóricas não era livre de dificuldades e que Tomás precisou introduzir modificações nos sistemas classificatórios para encontrar lugar para essa disciplina. Todavia, mesmo que se aceitem as qualificações acima, um problema persiste, pois a solução proposta continua caracterizando a lógica simultaneamente como teórica e prática, conferindo assim um estatuto particular e ambivalente a essa disciplina.¹⁶

12 Vide Schmidt, R. W., *The Domain of Logic According to Saint Thomas Aquinas*, p. 12-15.

13 *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 41 n. 11: "Ad huius ergo evidentiam sciendum est, quod materialis diversitas obiecti non diversificat habitum, sed solum formalis. Cum ergo scibile sit proprium obiectum scientiae, non diversificabuntur scientiae secundum diversitatem materialem scibilium, sed secundum diversitatem eorum formalem."

14 *Super Sent.*, lib. 2 d. 34 q. 1 a. 1 arg. 2: «Praeterea, omne quod esse dicitur, vel est ens rationis, vel est ens naturae.»

15 *Sententia Metaphysicae*, lib. 4 l. 4 n. 5: «Ens autem rationis dicitur proprie de illis intentionibus, quas ratio adinvenit in rebus consideratis; sicut intentio generis, speciei et similium, quae quidem non inveniuntur in rerum natura, sed considerationem rationis consequuntur. Et huiusmodi, scilicet ens rationis, est proprie subiectum logicae.»

16 Problema semelhante ocorre no caso da medicina a qual, segundo Avicena, teria o duplo estatuto de arte

Como dissemos acima, Schmidt procurou demonstrar que essa dupla caracterização não acarreta contradição desde que sejam distinguidos os diferentes sentidos em que a disciplina pode ser dita teórica e prática. Todavia, a despeito dos inúmeros méritos de um trabalho que articula conceitualmente passagens e problemas do conjunto do *corpus* tomásico, a solução não esclarece alguns aspectos da questão. Ao ler-se Schmidt, fica-se com a impressão de que as dificuldades conceituais enfrentadas provêm do próprio sistema de pensamento com o qual Tomás opera e deixa-se de considerar as fontes do vocabulário do autor, as origens dos problemas com os quais ele se debate e, sobretudo, a originalidade do pensador frente a seus contemporâneos.

No que segue, procuraremos chamar a atenção para alguns traços do estado da questão à época e, de forma sugestiva, indicar o que consideramos ser alguns dos elementos originais na interpretação proposta por Tomás de Aquino. Para tanto, dividiremos o restante em três partes. Na primeira, contentar-nos-emos em indicar que os problemas de classificação com os quais Tomás se depara são bastante difundidos entre autores do período. Nos últimos anos, nosso conhecimento sobre a lógica no século XIII foi consideravelmente ampliado e dispomos de novos elementos para melhor julgar a posição de Tomás em sua época. Para evitar um percurso histórico longo, já bem conhecido e para o qual não pretendemos acrescentar novidades,¹⁷

e de ciência. Tomás trata do problema em *Super De Trinitate, pars 3* q. 5 a. 1 ad 4: “Ad quartum dicendum quod, sicut dicit Avicenna in principio suae medicinae, aliter distinguitur theoricum et practicum, cum philosophia dividitur in theoricam et practicam, aliter cum artes dividuntur in theoricam et practicas, aliter cum medicina.”

17 Uma visão geral do estado atual da questão pode ser obtida nos seguintes autores: Cesalli, L., “What is Medieval Logic After All? Towards a Scientific Use of Natural Language”, in *Bulletin de Philosophie Médiévale*, 52 (2010), 49-53; Ebbesen, S., “What Counted as Logic in the Thirteenth Century”, in Cameron, M. and Marenbon, J., editors, *Methods and Methodologies. Aristotelian Logic East and West, 500-1500*, Brill, Leiden, 2011, p. 93-107; Lagerlund, H. “The Assimilation of Aristotelian and Arabic Logic up to the Later Thirteenth Century”, in Gabbay, D. M. and Woods, M. (eds), *Handbook of the History of Logic, volume 2, Mediaeval and Renaissance Logic*, Elsevier, Amsterdam, 2008, p. 281-346; van der Lecq, R. “Logic and Theory of Meaning in the Late 13th and Early 14th Century including the Modistae”, in Gabbay, D. M. and Woods, M. (eds), *Handbook of the History of Logic, volume 2, Mediaeval and Renaissance Logic*, Elsevier, Amsterdam, 2008, p. 347-388; Marenbon, J., “Logic at the turn of the Twelfth Century: a synthesis”, in Rosier-Catach, I. (ed), *Ars du langage et théologie aux confins des XI^e-XII^e siècles. Textes, maîtres, débats*, Turnhout, Brepols, 2011, p. 181-217; Marmo, C., “Suspicio. A Key Word to the Significance of Aristotle’s *Rethoric* in Thirteenth Century Scholasticism”, in *Cahiers de Institut du Moyen-Âge Grec et Latin*, 60 (1990), p. 145-198.

limitar-nos-emos a analisar rapidamente a obra de Rogério Bacon objetivando tão somente lembrar que a caracterização ambígua da lógica como arte e ciência era corrente no século XIII. Em um segundo momento, apontaremos para o modo como Roberto Kilwardby resolve uma dificuldade clássica envolvida na classificação da lógica como ciência. Por fim, chamaremos a atenção para a solução proposta por Tomás de Aquino à mesma dificuldade. As três partes que seguirão não pretendem ser originais. Buscam apenas salientar alguns pontos que acreditamos importantes para bem compreendermos a posição de Tomás de Aquino.

1. ROGÉRIO BACON E OS SENTIDOS DA LÓGICA

Como adverte A. de Libera,¹⁸ a abundante obra lógica de Rogério Bacon é ímpar se comparada a de artistas e teólogos do século XIII. Bacon não realizou comentários ao *Organon* e não aborda o domínio das questões disputadas. Sua produção dá continuidade a formas literárias mais antigas ligadas à tradição universitária das Universidades de Paris e Oxford como as coleções de distinções e as sumas lógicas. É o caso das *Summulae Dialectices*,¹⁹ escritas na década de 1240, que fornecem, no prólogo, uma apresentação da natureza da lógica na qual ficam evidentes diversos dos problemas tradicionais de classificação dessa no conjunto das disciplinas científicas. O prólogo inicia justamente por uma distinção entre arte e ciência que remonta à *Física* de Aristóteles (247b18) e que salienta estar o conhecimento artístico relacionado à regulação de tarefas ao passo que o conhecimento científico permanece na mente humana e a forma. Haveria, assim, dois tipos de arte, as mecânicas, ordenadas para execução de um fim guiando o trabalho manual (como no caso da arte do sapateiro e do construtor), e as liberais, pelas quais o intelecto humano se perfecti-

18 De Libera, A. "Roger Bacon et la logique", in Hackett, J. (org.) *Roger Bacon and the Sciences. Commemorative Essays*. Leiden, Brill, 1997, pp. 103-132.

19 Roger Bacon, *Summulae dialectices I-II*; ed. A. de Libera, in 'Les Summulae dialectices de Roger Bacon. I-II, De Terminis. De Enuntiatione', in *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 53 (1986), 139-289; Roger Bacon, *Summulae dialectices III*; ed. A. de Libera, in 'Les Summulae dialectices de Roger Bacon. III, De argumentatione', in *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 54 (1987), 171-278. Citaremos o texto a partir da tradução inglesa: Maloney, T. S., *The Art and Science of Logic* (tr. Of the *Summulae dialectices* with notes and introduction, Toronto, Pontifical Institute of Medieval Studies, 2009. A versão não crítica do texto, pode ser consultado online em: http://www.logicmuseum.com/wiki/Authors/Roger_Bacon/Summulae_Dialectices. Site consultado em 20/08/2014.

biliza ao descobrir e julgar, sem o auxílio do trabalho manual, aquilo que é verdadeiro nos símbolos. Nessa última acepção, a lógica é classificada como arte ao lado da gramática e da retórica.

Bacon apresenta ainda os elementos estruturais que toda disciplina deve possuir para ser considerada arte ou ciência. Para ambos os casos, a estratégia é a mesma: parte da caracterização da atividade realizada pela razão para obtenção do conhecimento artístico ou científico e, em seguida, elenca os elementos estruturais da arte ou da ciência e justifica a ambiguidade da palavra 'lógica' em termos de uma dupla origem etimológica do vocábulo grego. No caso da lógica como arte, Bacon sustenta que a razão opera diligentemente ao fazer diferenciações, originando-se assim a disciplina de disputar de forma cuidadosa. A atividade precípua da razão e que reivindicará a introdução de uma arte específica é, portanto, o debate argumentativo racional regrado e resolvido por meio de distinções. A lógica é a arte de disputar argumentativamente e é nessa acepção que ela pode ser dita dialética.²⁰ São sete os elementos a serem investigados em uma arte: a tarefa (*officium*), a obra (*opus*), a finalidade (*finis*), o objeto de investigação (*materia*), as partes da arte, seu instrumento e as partes do instrumento. A tarefa da lógica é disputar e, como dissemos acima, ela é chamada dialética em virtude dessa tarefa, pois 'dialética' tiraria sua origem do grego '*dia*' que significa dois e '*lexis*' que significa razão, pois trata-se de uma disputa entre duas partes, o oponente e o que responde ou julga. A dialética pode ser vista de três modos: 1) Enquanto abarca a lógica considerada como a única disciplina que sabe como conhecer, como fazer as pessoas conhecerem e sem a qual não há ciência. Aqui, Bacon retoma a célebre formulação de Agostinho e caracteriza a lógica como a arte das artes (*ars artium*) e ciência das ciências (*scientia scientiarum*).²¹ 2) Enquanto ciência (*scientia*)²² de disputar e discernir baseada

20 Sobre o uso das palavras 'dialética' e 'lógica' no Idade Média, consulte-se: Michaud-Quantin, P. "L'emploi des termes *logica* et *dialectica* au Moyen Âge», in *Arts Libéraux et Philosophie au Moyen Âge*, Actes du quatrième congrès international de philosophie médiévale, Paris, Vrin, 1969, p. 855-862. Veja-se ainda: Weyers, O. «L'appellation des disciplines dans les classifications des sciences aux XII^e et XIII^e siècles», in Knuuttila, S. *et alii*. *Knowledge and the Sciences in Medieval Philosophy*, Proceedings of the Eight International Congress of Medieval Philosophy, Publications of Luttier-Agricola Society, Helsinki, 1987, vol II, p. 39-63.

21 Vide Agostinho, *De Ordine* 2.13.18 e as notas de Gauthier no prefácio de sua edição a Tomás de Aquino, *Expositio libri Peryermenias, editio altera retractata*, ed. R.-A. Gauthier, Ed. Leon., t.I* -1, Roma - Paris, Vrin, 1989.

22 Em alguns caso, como nessa passagem, Bacon oscila em seu vocabulário e parece empregar *scientia* no sentido amplo de disciplina e não no sentido estrito de ciência.

em opiniões prováveis e apresentada no livro dos *Tópicos*, o qual trata do silogismo dialético. 3) Enquanto parte de opiniões consideradas prováveis de forma absoluta ou por alguns (os que respondem no debate) e as examina por meio de uma disputa dialética. O *opus* da lógica seria não mentir no que se sabe e ser capaz de descobrir os que mentem, ao passo que a finalidade consistiria em trazer à luz a verdade e destruir a falsidade. O objeto de investigação seria toda questão capaz de gerar uma resposta verdadeira ou falsa. Note-se que, com essa caracterização, Bacon não está propondo que a lógica responde a todas as questões, pois isso tornaria a lógica a única disciplina capaz de produzir conhecimento. Como ficará claro em breve, essa formulação visa marcar o papel da lógica em todo debate em torno da verdade ou falsidade de uma certa proposição. Quanto às partes da lógica, deve-se distinguir entre a arte da descoberta (*ars inve-niendi*), que ensina como descobrir os termos, proposições e silogismos, e a arte do julgar (*ars iudicandi*), caracterizada como a análise que mostra se o que foi descoberto é correto. O instrumento dessa arte é a argumentação e as partes do instrumento são os termos e as proposições.

Passando à lógica como ciência, Bacon inicia sua apresentação supondo a caracterização do conhecimento teórico como a disposição (*habitus*) intelectual para distinguir o verdadeiro e o falso por meio de “regras, máximas ou dignidades pelas quais compreendemos a verdade de um enunciado através de nossos próprios esforços ou com o auxílio de outros.”²³ Em seguida, vale-se da etimologia da palavra *logica* para justificar essa caracterização: “Chama-se lógica a partir de ‘logos’ que significa discurso e ‘lexis’ que significa razão e entendimento - como se fosse a ciência seja da razão ligada ao discurso, seja do discurso ligado à razão.”²⁴ Passa, então, aos elementos estruturais da lógica os quais: a) determinam um objeto próprio de investigação, seu *subiectum*; b) identificam as partes desse objeto; c) estabelecem as paixões (*passiones*) ou traços característicos das partes do objeto; d) apresentam as regras, dignidades, máximas, princípios ou preceitos pelas quais as características são provadas. Apoiando-se em uma formulação bastante ampla e que estará no centro dos debates sobre a determinação do *subietum* da disciplina no século XIII, Bacon afirma tratar a lógica da “argumentação ou silogismo, pois toda argumen-

23 Rogério Bacon, *Summulae dialectices*, p. 172: “Logica vero secundum, quod est scientia, est habitus discernendi verum a falso per regulas, sive per maximas sive dignitates, quibus comprehendimus veritatem locutionis per nosmetipsos vel cum aliis.”

24 Rogério Bacon, *Summulae dialectices*, p. 172: “Et dicitur logica a ‘logos’, quod est sermo, et ‘lexis’, quod est ratio vel intentio, quasi scientia rationis coniunctae cum sermone vel sermonis coniuncti cum ratione.”

tação é um silogismo ou reduz-se ao silogismo”²⁵ e define o silogismo como o discurso no qual, certas coisas sendo postas, necessariamente algo decorre do que foi posto, como em: «Todo homem corre, Sócrates é homem, portanto Sócrates corre». Identifica, em seguida, as partes do *subiectum* distinguindo as partes integrantes do silogismo, ou seja, as proposições e os termos que as compõem, e as partes subjetivas, ou seja, os diversos tipos de silogismo: demonstrativo, dialético e sofístico. As características das partes são ligadas aos tipos de termos (universal e particular, finito e infinito), de proposições (modal, assertórica, verdadeira ou falsa) ou dos tipos de silogismos (os quais podem ser perfeitos ou imperfeitos). As dignidades são as proposições comuns e evidentes (*per se notae*) a que o lógico recorre em suas provas.

O próêmio encerra com a tomada de posição acerca do problema tradicional de saber se a lógica é parte ou instrumento para a filosofia. Trata-se de um debate que remonta à filosofia grega tardia e que opõe as escolas estoica e peripatética. Os estoicos dividiam a filosofia em três partes - especulativa, ativa e racional – e viam a lógica como parte da filosofia (a racional), pois a entendiam como uma disciplina racional na medida em que ela trata de algo formado pela razão, a saber: proposições e silogismo. Já os peripatéticos dividiam as disciplinas filosóficas em especulativas e ativas e entendiam a lógica apenas como um instrumento (*organon*) usado por essas disciplinas. Enquanto simples instrumento, a lógica careceria de um objeto próprio que fosse independente do objeto investigado pelas demais disciplinas, não podendo assim ser vista como uma ciência ou parte da filosofia.²⁶ O debate é transmitido para o mundo medieval por Boécio em seu comentário a *Isagoge* de Porfírio. Boécio não identifica as escolas envolvidas e diz apenas tratar-se de antigo debate acerca da estatuto da lógica,²⁷ o que fará com que autores posteriores, como Alberto Magno, refiram-se a ele como um debate entre antigos. Em sua solução, Boécio salientará o caráter instrumental da lógica, mesmo que acabe aceitando que ela

25 Rogério Bacon, *Summulae dialectices*, p. 172-173: “Subiectum autem eius est argumentatio vel syllogismus, quia omnis argumentio est syllogismus aut ad syllogismum reducitur.”

26 As fontes gregas do debate podem ser encontradas em: Sorabji, R. *The Philosophy of the Commentators 200-600 AD. A Sourcebook. Vol. 3. Logic and Metaphysics*. London, Duckworth, 2004, p. 32-36.

27 Boécio, *In Isagogen Porphyrii Commenta*, recensvit S. Brandt, Leipsig, 1906. Boécio escreveu dois comentários a Porphyry. No primeiro, baseado na tradução de Marius Victorinus, Boécio relata o debate ao tratar da pergunta pela utilidade (*utilitas*) da obra (p. 4-5). No segundo comentário, mais longo e baseado em uma tradução do próprio Boécio, o debate ocorre quando da caracterização do que é a lógica (p. 140-143).

possa fazer parte da filosofia. Mas ela é parte precisamente como instrumento. Na medida em que a lógica é uma disciplina concebida principalmente como instrumento para formar proposições e argumentos, ela está, por essa finalidade e caráter instrumental, a serviço da filosofia, podendo ser tida como parte da filosofia do mesmo modo como a mão ou os olhos são partes e instrumentos do corpo.²⁸

Bacon, em certa medida, segue a solução de compromisso apontada por Boécio e sustenta ser a lógica, no sentido acima tratado, parte da filosofia. No entanto, em um segundo sentido, a lógica seria instrumento para filosofia, pois todas as disciplinas filosóficas empregam silogismos e argumentos para provar algo sobre algo. A lógica faria jus, assim, a uma dupla dignidade: por um lado, seria a mais nobre das disciplinas, a ciência das ciências, ao garantir que as demais operam corretamente; por outro, seria a mais ignóbil das disciplinas, na medida em que é ordenada a elas e as serve.²⁹

Essa rápida apresentação da natureza da lógica em Rogério Bacon deixa claro como o quadro geral das dificuldades enfrentadas por Tomás era comum entre autores do período e que a alegada contradição apontada por Schmidt não tem sua origem exclusivamente nos textos do Aquinate. Trata-se, antes, de um problema tradicional de classificação das ciências a ser enfrentado pela maioria dos autores que escrevem sobre lógica no período.³⁰ No que segue, gostaríamos de explorar das dificuldades correntes à época e mostrar como a sua solução implica uma certa caracterização da natureza da lógica que será abandonada por Tomás de Aquino.

28 Boécio, *In Isagogen Porphyrii Commenta*, p. 143: "Ita quoque logica disciplina pars quidem philosophia est, quoniam eius philosophia sola magistra est, supellex vero, quod per eam inquisita philosophiae veritas vestigatur."

29 Rogério Bacon, *Summulae dialectices*, p. 175: "Et iuxta hoc sciendum, quod logica uno modo dicitur 'scientia scientiarum', in quantum rectificat omnes alias scientias, sicut manus rectificat se et omnia alia membra, et ideo, sicut manus dicitur 'organum organorum', sic logica 'scientia scientiarum', et sic nobilior est omnibus aliis. Alio autem modo, in quantum ad alias scientias per se ordinatur deserviens eis, sic est vilior et ignobilior."

30 Como já afirmamos acima, essa sumária apresentação de Bacon não visa, por si só, garantir essa conclusão, mas apenas ilustrar um ponto já bastante conhecido.

2. ROBERTO KILWARDBY: A LÓGICA COMO CIÊNCIA DO DISCURSO OU DA RAZÃO³¹

Em seu tratado *De Ortu Scientiarum*,³² escrito por volta de 1250, Roberto Kilwardby retoma o problema de classificação da lógica entre as disciplinas do *trivium* e pronuncia-se mais detidamente sobre diversos dos pontos presentes em Bacon.³³ Valendo-se da etimologia transmitida por Hugo de São Vitor, afirma que *logos* significa tanto discurso (*sermo*) quanto razão (*ratio*), ambigüidade que gera uma dupla classificação da lógica: enquanto gênero, a lógica é ciência do discurso (*scientia sermocinalis*) e abarca todas as disciplinas que tratam do discurso, como a gramática, a retórica e a lógica propriamente dita. Na acepção específica, no entanto, a lógica caracteriza-se como ciência racional (*scientia rationalis*).³⁴ No primeiro caso, a lógica abarca o conjunto das disciplinas auxiliares criadas para ajudar o ser humano a bem falar, escrever e raciocinar, ou seja, para o correto emprego do discurso durante o processo de obtenção do conhecimento alcançado por intermédio demais disciplinas. Enquanto corretiva do discurso e, portanto, reguladora da expressão oral e escrita do conhecimento e do raciocínio, a lógica é a arte das artes e ciência das ciências (*ars artium et scientia scientiarum*).³⁵ No segundo caso, a lógica é dita ciência racional, mas não por possuir como objeto um ente de razão (*res rationis*) dotado de existência meramente mental. Fosse assim, romper-se-ia o vínculo entre discurso e razão e a lógica não pertenceria ao gênero das ciências do discurso. O vínculo, no entanto, existe e manifesta-se no

31 Para uma rápida apresentação da vida e obra de Kilwardby e um estudo sobre sua teoria do silogismo, veja-se: Thom, P. *Logic and Ontology in the Syllogistic of Robert Kilwardby*, Brill, Leiden, 2007.

32 Roberto Kilwardby, *De Ortu Scientiarum*, edited by A. G. Judy, Toronto, PIMS, 1976.

33 Sobre a origem e evolução histórica desse problema, consulte-se: Yúkió, I., "The Division of Philosophy and the Place of the Trivium from 9th to the Mid-12th Centuries", in Ebbesen, S. and Friedman, R. L. (eds), *Medieval Analyses in Language and Cognition*, C. A. Reitzels Forlag, Copenhagen, 1999, p. 165-190.

34 Roberto Kilwardby, *De Ortu Scientiarum*, p. 167: "De logica sciendum quod nomen ipsum aequivocum est, quia, ut dicit Hugo de Sancto Victore in suo Didascalicon hoc nomen sumitur a Graeco nomine logos, quod apud eos significat sermonem et rationem, et ita apud illos est aequivocum. Et ideo logica apud nos uno modo est scientia sermocinalis, et sic comprehendit grammaticam, rhetoricam et logicam proprie dictam. Alio modo est scientia rationalis, et sic est una trivialis scientia divisa contra grammaticam et rhetoricam, et sic de illa modo intendimus."

35 Roberto Kilwardby, *De Ortu Sientiarum*, p. 147: "Et ideo scientia ratiocinandi dicitur ars artium vel scientia scientiarum, quia ipsa est digestiva, completiva et reactiva sui et aliarum, sicut manus dicitur organum organorum, quia rectificat non solum quae circa se sunt, sed etiam quae circa alia membra corporis."

fato de que os raciocínios humanos são linguisticamente constituídos. Argumentos podem ser atos mentais, mas são formados linguisticamente. A lógica considera, assim, as razões (*rationes*) pelas quais as coisas são consideradas racionalmente (*res sunt rationabiles*) pela mente, razões essas que são explicitadas no discurso. Por isso, o silogismo é caracterizado linguisticamente como uma oração (*oratio*) de acordo com a qual, postas algumas coisas, a conclusão segue-se necessariamente.³⁶

Há, todavia, um tipo de dificuldade que se opõe à constituição da lógica como disciplina científica para qualquer um dos dois sentidos expostos acima. Com efeito, como é possível que uma disciplina, concebida como auxiliar das demais ciências, possa reivindicar para si o estatuto de ciência? Se a ciência do discurso tem por função precisamente corrigir o discurso científico, não estaria ela já supondo a posse e uso das regras que ela buscaria determinar? Se a lógica trata dos raciocínios, poderia ela alcançar algum conhecimento destes sem os supor em seus argumentos? No prólogo de seu comentário aos *Primeiros Analíticos*, Kilwadby formula o problema apoiando-se, como era comum no período, em uma passagem da *Metafísica* de Aristóteles (995a13) na qual é afirmado ser absurdo procurar, ao mesmo tempo, o conhecimento e o modo de alcançá-lo:

Mas, então, surge uma dificuldade. Se é absurdo determinar simultaneamente uma ciência e seu modo de conhecer, e a lógica é uma ciência, então é necessário que outra [ciência] preceda a lógica e corrija a lógica em seu método de conhecer e ensinar. E se isso é assim, o mesmo ocorre acerca daquela que precede a lógica e assim ou regride-se ao infinito ou uma mesma ciência determinará a ciência e o modo de conhecer, o que é contrário à proposição estabelecida acima.³⁷

36 Roberto Kilwadby, *De Ortu Scientiarum*, p. 167-168: “De qua sciendum quod non ideo rationalis scientia dicitur quia considerat res rationis ut apud solam rationem sunt, quia sic non esset proprie sermocinalis scientia, sed quia docet modum ratiocinandi non solum in mente existentem sed etiam in sermone, et quia res rationis considerat et rationes quibus res sunt rationabiles a mente per sermonem explicitas. Hinc enim est quod syllogismus dicitur oratio in qua ex quibusdam positis ex necessitate sequitur conclusio.”

37 Os comentários de Kilwadby foram publicados em Veneza em 1516 em nome de Egídio Romano, *In Libros Priorum Aristotelis Expositio*. Citamos o texto da edição prévia disponível em <http://www.paulthom.net/Prologus.pdf>, site consultado em 01/09/2014. Roberto Kilwadby, *Prologus*, p. 2-3: “Sed tunc dubitatur. Si enim inconueniens est simul determinare scientiam et modum sciendi, logica autem est una scientia, necesse est

No caso das ciências do discurso, a solução para essa dificuldade consiste em distinguir níveis do discurso e mostrar que faz sentido usar uma língua para referir-se a outra ou usá-la para tratar dela mesma. Os exemplos de Kilwadbey são o ensino do latim para falantes do espanhol, inglês ou do próprio latim. Essa possibilidade explica-se pelo poder expressivo do discurso humano o qual, enquanto produto da razão, é um símbolo que pode designar tanto coisas distintas de si ou a si mesmo e isto porque a razão pode dirigir-se a coisas distintas dela mesma, mas também dirigir-se a suas próprias ações refletindo sobre elas.³⁸

No caso da lógica como ciência racional, Kilwadbey inicia observando que algo pode possuir unidade em si e, ao mesmo tempo, ser múltiplo com respeito a seus usos, como a faca que é una em si e múltipla em seu emprego. Similarmente, os raciocínios que os seres humanos realizam podem ser considerados de uma dupla perspectiva: como algo em si ou como auxiliando as demais ciências. No primeiro caso, o raciocínio constitui o objeto de investigação da lógica, ao passo que, no segundo, funciona como instrumento para si e para as demais ciências. Não é difícil perceber que Kilwadbey está fazendo referência ao problema de saber se a lógica é arte ou ciência. Sua solução consiste em mostrar que ela é ambas as coisas: ciência do raciocínio e arte enquanto instrumento para as demais ciências.³⁹

Em seguida, Kilwadbey pergunta se a dupla consideração do raciocínio - em si mesmo ou como instrumento - deve ser entendida como uma distinção sobre a forma (modo ou figura dos

aliam precedere logicam quae rectificet logicam in modo sciendi et docendi. Et si hoc, consimilis ratio est de illa quae precedit logicam, et ita vel proceditur in infinitum vel aliqua scientia simul determinabit scientiam et modum sciendi, quod est contra propositionem superius habitam."

38 Roberto Kilwadbey, *De Ortu Sientiarum*, p. 153: "Nec mirandum est istud, scilicet quod de sermone addiscitur sermo, quia sermo est signum potentissimum non solum alia designans sed et semetipsum, et quia sermo est opus rationis, et ratio non solum dirigit se in alias res a se sed etiam in suas actiones convertitur et supra seipsam reflectitur. Et ideo sicut sermocinatur de aliis rebus, sic et de suo sermone."

39 Roberto Kilwadbey, *De Ortu Sientiarum*, p. 154: «Sic est et de ratiocinatione quae est propria logicae per essentiam aut ut subiectum, multis tamen, immo omnibus, scientiis communis secundum usum. Et hoc est quod dicitur quod ratiocinatio potest considerari ut est aliquid in se et per se, vel ut est adminiculans ad alias scientias. Primo enim modo est subiectum cuiusdam partis sermocinalis scientiae, secundo modo instrumentum eius et omnium aliarum scientiarum; et primo modo ratiocinativa scientia proprie scientia dicitur, secundo modo potius ars.»

raciocínios) ou sobre a matéria (tipos de predicados envolvidos).⁴⁰ No seguinte silogismo feito pelo geômetra: «todo contínuo é divisível, toda linha é contínua, logo toda linha é divisível», os termos *linha* e *contínuo* são predicados pertencentes à categoria da quantidade e significam as coisas verdadeiras predicáveis (*res veras predicamentales*), pois se não houvesse um vínculo universal entre divisível, linha e contínuo, a conclusão não seria obtida.⁴¹ A matéria para os argumentos é aquilo que Kilwardby designa como modos das coisas (*modi rerum*) ou noções concretas (*rationes concretae*). Todavia, é possível abstrair dos modos ou noções e pôr em seus lugares termos que não designam coisas, como A, B e C, pois abstraem delas⁴². É precisamente com esse tipo de abstração que opera a silogística.⁴³ Todos os tipos de raciocínios podem ser analisados em termos silogísticos, pois todo argumento pode ser expresso em, ou reduzido (para empregar aqui a formulação do próprio autor) à forma silogística. Kilwardby pode então concluir afirmando que a lógica é a ciência do raciocínio e ensina o modo de investigar a verdade ignorada de certa tese ou de certa questão filosófica.⁴⁴

Os diferentes níveis de abstração permitem ainda a Kilwardby abordar a noção de ser de intenção segunda (*esse de secundis intentionibus*), a qual será objeto de grandes controvérsias nos

40 Sobre a aplicação das noções de forma e matéria ao silogismo, veja-se: Thom, P., “Robert Kilwardby on Syllogistic Form”, in Lagerlund, H. and Thom, P., *A Companion to the Philosophy of Robert Kilwardby*, Leiden, Brill, 2012, p. 131-161.

41 Roberto Kilwardby, *De Ortu Sientiarum*, p. 155: «Nisi enim esset divisibile universale respectu lineae, id est in plus ad ipsum vel universaliter de ipso praedicabile, et divisibilitas similiter se haberet ad continuum, non sic connecteret terminos in propositiones universales affirmativas, nee concluderet unum terminum de alio universaliter et affirmative nisi esset inter illos medium quo connecterentur. Similiter nec concluderet negativam nisi esset medium extraneum ab altero ad extremorum.»

42 Roberto Kilwardby, *De Ortu Sientiarum*, p. 155: “Possunt etiam poni termini qui nullius facultatis res significant, sed ab omnibus abstrahant, ut A, B, C.”

43 Roberto Kilwardby, *De Ortu Sientiarum*, p. 155: “Quando autem abstrahit rationes utrimque inventas, cuiusmodi sunt antecedens, consequens, extraneum, universale, particulare, extremum, medium et huiusmodi, et in eis considerat formam ratiocinandi communem dialecticae et demonstrativae, syllogistica est simpliciter.” Por brevidade, não analisaremos aqui os diversos graus de abstração que distinguem a dialética e a lógica demonstrativa.

44 Roberto Kilwardby, *De Ortu Sientiarum*, p. 178: “Logica est scientia de ratiocinatione docens modum investigandi veritatem innotam circa thesim vel circa quaestionem philosophicam.”

anos seguintes. Kilwardby parece ser um dos primeiros autores latinos a utilizar essa noção e sua apresentação não avança em vários elementos que se tornarão controversos. Segundo ele, os objetos extramentais são as primeiras intenções e os nomes que as significam (como substância, qualidade, etc.) são nomes de primeira intenção, já as noções das coisas (*rationes rerum*), como universal, particular, antecedente e conseqüente, são intenções segundas e os nomes que as significam são nomes de segunda intenção. São chamadas primeira e segunda porque primeiramente o intelecto compreende as coisas e, em segundo lugar, a partir da consideração e comparação das coisas, são reunidas (*colliguntur*) as noções das coisas.⁴⁵ Como salienta Georgio Pini, Kilwardby, infelizmente, não explica o papel do intelecto na formação das *rationes rerum* as quais poderiam, talvez, ser vistas como pertencendo às coisas extramentais, uma vez seriam obtidas por abstração.⁴⁶

Nessa próxima seção, buscaremos contrastar a posição de Kilwardby sobre as intenções segundas com a de Tomás de Aquino. Como veremos, Tomás interpreta a distinção como dizendo respeito a diferentes tipos de atos mentais e não a diferentes níveis do discurso. Dessa forma, o papel da lógica como ciência do discurso (*scientia sermocinalis*) que encontramos em Rogério Bacon e Roberto Kilwardby - e presente mesmo em Alberto Magno⁴⁷ - desaparece em Tomás de Aquino. Todavia, como tem sido enfatizado pela literatura especializada,⁴⁸ Tomás não

45 Roberto Kilwardby, *De Ortu Sientiarum*, p. 157: "Hinc etiam patet quare dicitur esse de secundis intentionibus et de nominibus significantibus secundas intentiones. Res enim ipsae sunt primae intentiones, et nomina eas significantia, cuiusmodi sunt substantia, quantitas et huiusmodi, sunt nomina primarum intentionum; sed rationes rerum, cuiusmodi sunt universale, particulare, antecedens, consequens et huiusmodi, sunt secundae intentiones, et nomina eas significantia nomina secundarum intentionum. Et dicuntur illae primae et istae secundae, quia primo comprehenduntur res et deinde ex consideratione et collatione rerum ad invicem colliguntur rationes earum."

46 Pini, G. *Categories and Logic in Duns Scotus*, Leiden, Brill, 2002, p. 29.

47 Albertus Magnus, *Analytica Posteriora*, ed. Borget, Paris, 1890, p. 2b: "Est etiam haec scientia in genere logicae scientiae : quia et demonstratio et scientia demonstrativa consideranda est hic per differentias sermonum et non per rerum differentias : logica enim non res, sed intentiones rerum considerat, ut universale, particulare, orationem, argumentationem, et syllogismum: quae omnia in sermone accipiunt differentiam : et ideo haec scientia non est realis sed sermocinalis. Vel forte dicitur, quod est modus sciendi nobilissimus et non proprie scientia : sic enim loquitur Aristoteles in tertio primae philosophiae."

48 A tese aqui levantada não é original nem nova. Veja-se Kretzmann, N. "Semantics, History of.", in *The*

é o primeiro nem o único a deixar de considerar a lógica como ciência do discurso e tratá-la exclusivamente como arte ou ciência racional. Trata-se de uma tendência, presente já em Alberto Magno, e influenciada pela tese de Avicena segundo a qual a lógica investigaria entidades mentais (*intentiones*) e trataria do discurso apenas de forma acidental.⁴⁹

3. LÓGICA E REFLEXIVIDADE DO INTELLECTO EM TOMÁS DE AQUINO

Tomás de Aquino inicia seu comentário à *Ética a Nicômaco* destacando o vínculo existente entre razão humana e a noção de ordem. Através da sensibilidade, o ser humano tem acesso apenas às coisas fora das relações de ordem que elas guardam entre si. Para que a ordem existente seja conhecida, é necessária a intervenção da faculdade racional. Há, no entanto, quatro maneiras da razão relacionar-se com a ordem, pois as regras podem ser: a) conhecidas pela razão sem terem sido criadas por ela, como ocorre na ordem das coisas naturais; b) introduzidas pela razão em seus próprios atos, como ao produzir conceitos e associar signos a eles; c) empregadas pela razão ao reger os atos voluntários; d) introduzidas pela razão nas coisas exteriores, como na confecção de um artefato. A cada um dos quatro tipos de regra está associada um tipo de conhecimento, respectivamente: a) as disciplinas teóricas - ciência natural, matemática e metafísica; b) a filosofia racional - designação usada como sinônimo de lógica⁵⁰; c) as artes mecânicas; d) a filosofia moral.⁵¹ Nos comentários aos *Segundos Analíticos*, o vínculo entre ordem e razão humana

Encyclopedia of Philosophy, edited by P. Edwards, vol. 7, 358-406, New York Macmillan and Free Press, 1967.

49 O debate em torno das intenções segundas foi amplamente estudado por de Rijk na introdução à edição de: Giraldus Odonis, *Opera philosophica*. Vol II. *De intentionibus*, edited by L. M. de Rijk, Leiden, Brill 2005.

50 Sobre o uso da expressão 'filosofia racional', veja-se: *In Physic., lib. 3 l. 8 n. 2:* "(...) nam logica dicitur rationalis philosophia." e *Super De Trinitate, pars 3 q. 5 a. 1 arg. 2:* "Praeterea, Augustinus dicit in VIII de civitate Dei quod rationalis philosophia, quae est logica, sub contemplativa philosophia vel speculativa continetur."

51 *Sententia Ethicorum*, lib. 1 l. 1 n. 2: "Et quia consideratio rationis per habitum scientiae perficitur, secundum hos diversos ordines quos proprie ratio considerat, sunt diversae scientiae. Nam ad philosophiam naturalem pertinet considerare ordinem rerum quem ratio humana considerat sed non facit; ita quod sub naturali philosophia comprehendamus et mathematicam et metaphysicam. Ordo autem quem ratio considerando facit in proprio actu, pertinet ad rationalem philosophiam, cuius est considerare ordinem partium orationis adinvicem, et ordinem principiorum in conclusiones; ordo autem actionum voluntariarum pertinet ad consi-

é retomado para distinguir a lógica das demais artes. A razão introduz regras em seus atos de um duplo modo: ao guiar a conduta das partes inferiores (como nas artes manuais) e ao dirigir seus próprios atos. O segundo tipo depende do poder que a razão possui de refletir sobre si mesma e sobre seus atos, conhecer a si mesma e as regras pelas quais opera e determinar o melhor modo de evitar o erro.⁵² A lógica é, assim, apresentada simultaneamente como arte e ciência racional.

Três são os elementos que devem ser destacados nessa caracterização: i) a capacidade reflexiva da razão sobre seus atos; ii) a natureza daquilo que é conhecido; iii) o emprego do conhecimento obtido como guia para conduta da própria razão.

O primeiro aspecto é explicado no *De Potentia*⁵³ mediante a apresentação do intelecto como possuindo dois tipos de objetos: inicialmente, o intelecto volta-se para as coisas fora da alma buscando conhecê-las e, em um segundo momento, o intelecto reflete sobre si mesmo, entende a si como entendendo e conhece o modo como entende.⁵⁴ Tomás denomina o objeto entendido secundariamente de «intenções consequentes ao modo de entender», vocabulário que parece querer apresentar a aquisição do primeiro objeto como condição para aquisição do segundo, pois é preciso que sejam formadas na alma as intenções das coisas externas para que, posteriormente, sejam formadas as intenções entendidas secundariamente (*secunda intellecta*).⁵⁵

derationem moralis philosophiae. Ordo autem quem ratio considerando facit in rebus exterioribus constitutis per rationem humanam, pertinet ad artes mechanicas. Sic igitur moralis philosophiae, circa quam versatur praesens intentio, proprium est considerare operationes humanas, secundum quod sunt ordinatae ad invicem et ad finem.”

52 *Expositio Posteriorum, lib. 1 l. 1 n. 1*: “Ratio autem non solum dirigere potest inferiorum partium actus, sed etiam actus sui directiva est. Hoc enim est proprium intellectivae partis, ut in seipsam reflectatur: nam intellectus intelligit seipsum et similiter ratio de suo actu ratiocinari potest.”

53 Sobre isso, veja-se Pini, G. *Categories and Logic in Duns Scotus*, p. 54 e ss.

54 *De potentia, q. 7 a. 9 co*: “Prima enim intellecta sunt res extra animam, in quae primo intellectus intelligenda fertur. Secunda autem intellecta dicuntur intentiones consequentes modum intelligendi: hoc enim secundo intellectus intelligit in quantum reflectitur supra se ipsum, intelligens se intelligere et modum quo intelligit. Secundum ergo hanc positionem sequeretur quod relatio non sit in rebus extra animam, sed in solo intellectu, sicut intentio generis et speciei, et secundarum substantiarum.”

55 O mesmo princípio é empregado no conhecimento que a alma tem de sua existência, pois ainda que ela possa conhecer a si mesma, esse conhecimento é secundário ao conhecimento de algo extrínseco. Conforme: *Contra Gentiles, lib. 4 cap. 11 n. 5*: «(...) nam intellectus in seipsum reflectitur, et seipsum intelligere potest. Sed

Como ele afirma em outra questão do *De Potentia*, ao refletir sobre seus próprios atos, o intelecto, que entende as coisas existentes fora da alma e forma a noção ou concepção de homem, as entende como entendidas e forma a noção ou concepção de espécie, a qual corresponde ao modo de ser entendido do objeto externo homem.⁵⁶ O processo de formação das noções ‘homem’ e ‘espécie homem’ são dependentes, mas distintos. O primeiro é a formação da noção universal a partir da similitude com a coisa singular.⁵⁷ O segundo depende da reflexividade do intelecto sobre seus atos de inteligência e independe da noção de semelhança com a coisa fora do intelecto.⁵⁸ Por isso, Tomás insiste que as intenções entendidas secundariamente são apenas intenções intelectuais e não são predicadas às coisas extramentais:

Agora, há certas noções (*rationes*) às quais nada corresponde na coisa entendida. Mas o intelecto não atribui as noções desse tipo às coisas como elas são em si mesmas, mas apenas como elas são entendidas, como é evidente das noções de gênero e espécie e das demais intenções intelectuais. Não há nada nas coisas externas à alma que seja uma similitude das noções de gênero e espécie.⁵⁹

et in intellectuali vita diversi gradus inveniuntur. Nam intellectus humanus, etsi seipsum cognoscere possit, tamen primum suae cognitionis initium ab extrinseco sumit.» Para uma apresentação do papel da reflexividade no conhecimento que a alma tem de si mesma, veja-se: Cory, T. S. *Aquinas on Human Self-Knowledge*, Cambridge, Cambridge University Press, 2014.

56 *De potentia*, q. 7 a. 6 co: “Ex hoc enim quod intellectus in se ipsum reflectitur, sicut intelligit res existentes extra animam, ita intelligit eas esse intellectas: et sic, sicut est quaedam conceptio intellectus vel ratio, - cui respondet res ipsa quae est extra animam, - ita est quaedam conceptio vel ratio, cui respondet res intellecta secundum quod huiusmodi; sicut rationi hominis vel conceptioni hominis respondet res extra animam; rationi vero vel conceptioni generis aut speciei, respondet solum res intellecta.”

57 Para uma análise da formação dos conceitos em Tomás de Aquino, veja-se:

58 Veja-se ainda: *Summa Theologiae I*, q. 85 a. 2 co. “Unde similitudo rei visibilis est secundum quam visus videt; et similitudo rei intellectae, quae est species intelligibilis, est forma secundum quam intellectus intelligit. Sed quia intellectus supra seipsum reflectitur, secundum eandem reflexionem intelligit et suum intelligere, et speciem qua intelligit. Et sic species intellectiva secundario est id quod intelligitur.” Para uma análise desta passagem e de suas implicações, veja-se: Landim Filho, R. F. “Tomás de Aquino: Realista Direto?”, in *Analytica*, v. 15 (2011) p. 13-38.

59 *De potentia*, q. 7 a. 6 co: “Sunt autem quaedam rationes quibus in re intellecta nihil respondet; sed ea quorum sunt huiusmodi rationes, intellectus non attribuit rebus prout in se ipsis sunt, sed solum prout intellectae sunt; sicut patet in ratione generis et speciei, et aliarum intentionum intellectualium: nam nihil est in rebus quae sunt extra animam, cuius similitudo sit ratio generis vel speciei.”

Nesta passagem, Tomás menciona exclusivamente a formação das noções de espécie e gênero. Todavia, como ele afirma no seu comentário ao *De Interpretatione*, os atos do intelecto são de três tipos:⁶⁰ a apreensão dos indivisíveis, pela qual são apreendidas as essências das coisas, a composição e divisão, pelas quais são formados os enunciados verdadeiros e falsos, e o raciocínio, pelo qual se alcança o desconhecido a partir do conhecido. A primeira operação ordena-se à segunda e esta à terceira. Há, portanto, três tipos de noções obtidas pelo intelecto ao refletir sobre seus atos: definição, enunciado e silogismo. A lógica, como ciência racional, versa sobre essas três operações e a cada uma delas é dedicado um ramo dessa disciplina. As *Categorias* versam sobre atos do primeiro tipo, o *De Interpretatione* aborda os enunciados, os *Primeiros Analíticos* tratam do silogismo em geral, ao passo que os demais livros do *Organon* analisam os diversos tipos de silogismo. Portanto, a ordem de estudo das obras lógicas corresponderia à ordem composicional dos atos intelectuais e de suas variedades de usos.⁶¹

A julgar pelo que foi dito, Tomás poderia concluir, como ele o faz no início do comentário aos *Segundos Analíticos*, que a lógica é ciência racional não apenas porque é conforme a razão, algo comum a todas as artes, mas também porque possui os atos da razão como sua matéria própria.⁶² No entanto, como salienta Schmidt⁶³, não é possível identificar-se intenções com atos

60 Para o estudo detalhado de cada ato, veja-se a parte 3 de Schmidt, R., *The Domain of Logic According to Saint Thomas Aquinas*.

61 *Expositio Peryermeneias, prooemium 2*: “Cum autem logica dicatur rationalis scientia, necesse est quod eius consideratio versetur circa ea quae pertinent ad tres praedictas operationes rationis. De his igitur quae pertinent ad primam operationem intellectus, idest de his quae simplici intellectu concipiuntur, determinat Aristoteles in libro praedicamentorum. De his vero, quae pertinent ad secundam operationem, scilicet de enunciatione affirmativa et negativa, determinat philosophus in libro perihermeneias. De his vero quae pertinent ad tertiam operationem determinat in libro priorum et in consequentibus, in quibus agitur de syllogismo simpliciter et de diversis syllogismorum et argumentationum speciebus, quibus ratio de uno procedit ad aliud. Et ideo secundum praedictum ordinem trium operationum, liber praedicamentorum ordinatur ad librum perihermeneias, qui ordinatur ad librum priorum et sequentes.”

62 *Expositio Posteriorum, lib. 1 l. 1 n. 2*: «Et haec ars est logica, idest rationalis scientia. Quae non solum rationalis est ex hoc, quod est secundum rationem (quod est omnibus artibus commune); sed etiam ex hoc, quod est circa ipsum actum rationis sicut circa propriam materiam.»

63 Schmidt, R., *The Domain of Logic According to Saint Thomas Aquinas*, p. 55-56, de onde retiramos a solução à dificuldade.

da razão, pois as intenções segundas de proposição e silogismo são antes os produtos dos atos e não os próprios atos. É preciso, então, separar os textos que sustentam que a definição, a proposição e o silogismo constituem o objeto de investigação (*subiectum*)⁶⁴ da lógica dos textos que afirmam serem os atos racionais a matéria (*materia*)⁶⁵ da lógica. Ainda que esses termos possam ser empregados como sinônimos, Tomás não os compreende assim nesse contexto. Em suma, ao afirmar, no comentário aos *Segundos Analíticos*, que a lógica é ciência racional que tem por matéria os atos razão, Tomás está empregando a expressão ‘matéria’ no sentido que ela possui nas artes, ou seja, de suporte no qual, por intermédio das regras da arte, são introduzidas a forma.

O segundo aspecto que deve ser esclarecido é justamente o estatuto conferido por Tomás de Aquino às intenções de definição, enunciado e silogismo. No comentário à *Metafísica*, elas são ditas possuírem um tipo de ser distinto do ser real:

É dito ser de razão (*ens rationis*) aquelas intenções que a razão encontra nas coisas que considera, como a intenção do gênero, da espécie e similares, as quais não se encontram dentre as coisas naturais, mas se seguem da consideração da razão. E esse, a saber, o ente de razão, é o objeto próprio de investigação da lógica.⁶⁶

O *ens rationis* caracteriza-se por ser aquilo cuja existência é exclusivamente mental ou dependente do pensamento. Em alguns textos, Tomás chega a empregar a expressão ‘grau de ser’ precisamente para designar o tipo de existência que os entes possuem e classifica o *ens rationis* como o quinto e supostamente mais fraco grau.⁶⁷ Em outros textos, Tomás prefere a expressão de ‘intenções segundas’ para qualificar as intenções inteligidas secundariamente. Nesses casos,

64 *Expositio Posteriorum Analyticorum*, lib. 1 l. 20 n. 5: “Considerat enim logica, sicut subiecta, syllogismum, enunciationem, praedicatum, aut aliquid huiusmodi.”

65 *Expositio Posteriorum*, lib. 1 l. 1 n. 2: “(...) sed etiam ex hoc, quod est circa ipsum actum rationis sicut circa propriam materiam.”

66 *Sententia Metaphysicae*, lib. 4 l. 4 n. 5: “Ens autem rationis dicitur proprie de illis intentionibus, quas ratio adinvenit in rebus consideratis; sicut intentio generis, speciei et similium, quae quidem non inveniuntur in rerum natura, sed considerationem rationis consequuntur. Et huiusmodi, scilicet ens rationis, est proprie subiectum logicae.”

67 *In De divinis nominibus*, cap. 5 l. 2: “Quintus gradus est eorum quae non sunt in rerum natura, sed in sola cogitatione, quae dicuntur entia rationis, ut genus, species, opinio et huiusmodi; et quantum ad hos duos gradus dicit quod a Deo sunt *quocumque modo* aliqua dicantur *inesse aliis*, sicut accidentia *aut esse secundum cogitationem*, sicut entia rationis.”

no entanto, o vocabulário é usado juntamente com a expressão ‘nome’ para diferenciar nomes de primeira e segunda imposição.⁶⁸

Passemos agora ao terceiro aspecto a ser considerado, o emprego do conhecimento obtido pela lógica. Ao comentar a passagem da *Metafísica* (995a13) na qual Aristóteles afirma ser absurdo investigar simultaneamente a ciência e o modo de proceder na ciência, Tomás afirma que a aprendizagem da lógica deve preceder a das demais ciências, justamente pelo aspecto metodológico que a lógica possui.⁶⁹ Com isso, Tomás insiste que, mesmo que a lógica possua as intenções segundas como objeto de conhecimento, e nessa medida distinga-se da metafísica por não considerar o ser real, mas o ser de razão, ainda assim, o conhecimento obtido não é buscado por si, mas sempre para ser empregado nas demais ciências.⁷⁰

Em suma, encontramos em Tomás de Aquino uma caracterização ambivalente da lógica como arte e ciência. Essa ambivalência é presente em outros autores do período e Tomás procura justificá-la mostrando que, enquanto disciplina que possui um objeto próprio de investigação, a lógica é a ciência que investiga aquelas intenções resultantes das operações reflexivas do intelecto. Contrariamente a autores anteriores, Tomás deixa de considerar a lógica como ciência do discurso e a vê apenas como ciência racional. A investigação lógica é orientada para o seu uso nas demais disciplinas e, nesse sentido, a lógica é vista como arte que estabelece as regras para bem definir, julgar e raciocinar.

68 Os textos são apresentados por Schmidt, R., *The Domain of Logic According to Saint Thomas Aquinas*, p. 123. Sobre a distinção entre intenção e oposição, consulte-se: Knudsen, C., “Intentions and impositions”, in Kretzmann, N. et alii, *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 110-1600*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988, p. 479-495.

69 *Sententia Metaphysicae*, lib. 2 l. 5 n. 5: “Et quia non est facile quod homo simul duo capiat, sed dum ad duo attendit, neutrum capere potest; absurdum est, quod homo simul quaerat scientiam et modum qui convenit scientiae. Et propter hoc debet prius addiscere logicam quam alias scientias, quia logica tradit communem modum procedendi in omnibus aliis scientiis. Modus autem proprius singularum scientiarum, in scientiis singularibus circa principium tradi debet.”

70 *Sententia Metaphysicae*, lib. 1 l. 3 n. 6. (...) “scientiae logicae, quae non propter se quaeruntur, sed ut introductoriae ad alias artes (...)»

RESUMO

Tomás de Aquino classifica a lógica simultaneamente como arte e ciência. Essa ambiguidade foi interpretada por alguns scholars como uma contradição prima facie que deveria ser eliminada para que a posição de Tomás fizesse sentido. No presente artigo, tentaremos, primeiramente, sugerir que a mesma ambiguidade estava presente em diversos autores do período e ilustraremos esse ponto citando como exemplo a classificação proposta por Rogério Bacon. Em segundo lugar, analisaremos uma outra classificação importante da lógica como ciência do discurso e da razão, visão compartilhada, por exemplo, por Roberto Kilwardby. Em terceiro lugar, mostraremos que Tomás não segue essa tradição e propõe entender a lógica apenas como ciência da razão, posição essa que é consistente com a divisão da lógica como ciência e arte.

Palavras-chave Tomás de Aquino, Roberto Kilwardby, Rogério Bacon, lógica medieval, classificação das ciências

ABSTRACT

Thomas Aquinas classifies logic simultaneously as art and science. This ambiguity was interpreted by some scholars as a prima facie contradiction that should be eliminated if we want to make sense of Thomas' position. In this paper, we will, firstly, try to suggest that the same ambiguity was present in different authors of the period and we will illustrate this point quoting Roger Bacon's classification of logic as an example. Secondly, we will analyze another important classification of logic as a science of discourse and a science of reason, a view shared, among others, by Robert Kilwardby. Thirdly, we will see that Aquinas does not follow this tradition and proposes an understanding of logic only as a science of reason, a position that is consistent with the division of logic as science and art.

Keywords Thomas Aquinas, Robert Kilwardby, Roger Bacon, medieval logic, classification of sciences